

155

FOLHA DE S. PAULO

Quadrinhos

SÃO PAULO, 30 DE JANEIRO DE 1977 - Nº 242



EDITORIAL

Está aí o “QI” 155, o primeiro de 2019, um bom augúrio para o resto do ano. Os colaboradores habituais marcam presença: Lio Guerra Bocorny, E. Figueiredo, Julie Albuquerque, Worney Almeida de Souza, Luiz Cláudio Lopes Faria, Lancelott Martins, além das cartas do ‘Fórum’ e a divulgação de ‘Edições Independentes’.

O encarte é uma gentileza de José Ruy, a quem agradeço de público ter permitido a utilização de seu trabalho.

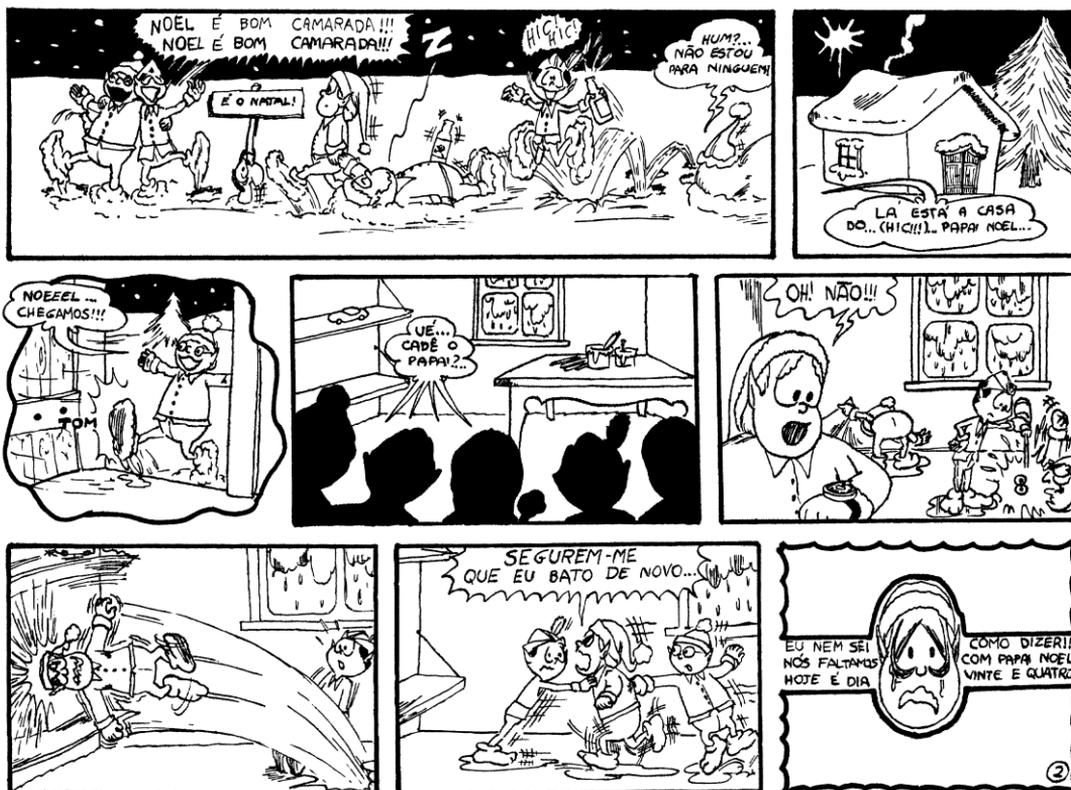
Não esqueçam de confirmar o interesse no próximo número.
Boa leitura!

QUADRINHOS INDEPENDENTES – Nº 155 – JANEIRO/FEVEREIRO DE 2019

Editor: Edgard Guimarães – edgard.faria.guimaraes@gmail.com
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000 – Fone: (35) 3641-1657
Tiragem de 90 exemplares, impressão digital.

O desenho da capa e a página logo abaixo são as duas páginas que finalizei de uma HQ que comecei a fazer lá em meados da década de 1970, inspirado pela efervescência de autores brasileiros que povoavam o suplemento **Quadrinhos da Folha de S. Paulo**. Além das duas páginas finalizadas, esbocei a terceira e nem sei se eu sabia como seria a continuação da história ou se pretendia mesmo enviar para o jornal.

Olhando agora, o tema não me parece banal. E não deixa de me causar certa admiração ver o moleque lá nos seus quinze anos fazer uma história que começa com os ajudantes de Papai Noel no maior porre. No início da terceira página, o ajudante constata que estão uma semana atrasados e que o Papai Noel teve que fazer todo o trabalho sozinho e, exausto, já saiu para entregar os presentes... e é só o que eu sei.



MARECHAIS

Lio Guerra Bocorny

A dignidade de Marechal teve origem na França, com Filipe-Augusto, o Conquistador, no fim do século XII. O primeiro a receber tal título foi Albérico Clément em 1190. Este mais alto posto honorífico da hierarquia militar teve papel marcante no período napoleônico, cujos titulares ficaram conhecidos na História.

Napoleão Bonaparte, em seus anos de império, nomeou vinte e seis marechais, sendo um deles estrangeiro, cujos nomes merecem ser lembrados: André MASSENA, Auguste Frédéric-Louis Viesse de MARMONT, Bon-Adrien-Jeannot de MONCEY, Claude-Perrin VICTOR, Dominique-Catherine PERIGNON, Edouard-Adolphe-Casimir-Joseph MORTIER, Emmanuel GROUCHY, Etienne-Jacques-Joseph-Alexandre MACDONALD, François-Cristophe KELLERMANN, François Joseph LEFEBRE, Guillaume-Marie-Anne BRUNE, Jean LANNES, Jean-Baptiste BESSIÈRES, Jean-Baptiste JOURDAN, Jean-Baptiste-Jules BERNADOTTE, Jean-Mathieu-Philibert SÈRURIER, Joachim MURAT, Laurent Gouvion SAINT-CYR, Louis-Alexandre BERTHIER, Louis Gabriel SUCHET, Louis Nicolas DAVOUT, Michel NEY, Nicolas-Charles OUDINOT, Nicolas-Jean de Dieu SOULT, Pierre-François-Charles AUGEREAU e o polonês Príncipe Jozef Antoni PONIATOWSKI.

O marechalato adquiriu novamente importância histórica cento e trinta anos depois, quando a Alemanha, no período do Terceiro Reich, com duração também de onze anos, nomeou, por uma coincidência, o mesmo número de vinte e seis marechais, sendo também um deles estrangeiro. Por uma questão histórica e didática, citamos seus nomes: Albert KESSELRING, Erhard MILCH, Erich von MANSTEIN, Ernest BUSCH, Erwin von ROMMEL, Erwin von WITZLEBEN, Fedor von BOCK, Ferdinand SCHÖRNER, Friedrich PAULUS, Georg von KÜCHLER, Gerd von RUNDSTEDT, Günther von KLUGE, Herman GÖRING, Hugo SPERRLE, Maximilian von WEICHS, Paul Ludwig Ewald von KLEIST, Robert Ritter von GREINER, Walter MODEL, Walther von REICHENAU, Walther von BRAUCHITSCH, Werner von BLOMBERG, Wilhelm KEITEL, Wilhelm LIST, Wilhelm Ritter von LEEB, Wolfran von RICHTHOFEN e o octogenário austríaco Eduard von Böhmermoli. Assim sendo, vemos que os marechais nos dois períodos de guerras de conquistas atingiram o número de cinquenta e dois guerreiros.

Já o Brasil possuía, em 1975, setenta e três marechais, ou seja, mais do que os franceses e alemães juntos ao longo de seus períodos de guerra global. Mais uma vez podemos observar que nosso pobre país é pródigo em gastos desnecessários, distribuindo cargos a sua elite de funcionários, mesmo não participando de guerras. Qual a causa desse disparate? Somos uma nação pacífica, nosso efetivo militar é muito pequeno em relação a nossa enorme população.

O posto de marechal foi extinto há mais de cinquenta anos no Brasil, no entanto seus titulares perceberam seus soldos até a morte e possivelmente suas viúvas e até filhas solteiras recebam pensão, como é tradição nas forças armadas nacionais.

Nosso último marechal faleceu em 2009, com 108 anos de idade, foi ele o marechal do exército Waldemar Levy Cardoso, nascido em 4 de dezembro de 1900, podendo se dizer que viveu em três séculos, na verdade menos de um mês no século XIX. Ele aos 13 anos de idade ingressou no Colégio Militar do Rio de Janeiro, de onde saiu aos 17 anos como o primeiro colocado de sua turma, e em 1921 tornou-se aspirante a oficial. Em 48 anos de serviço, participou da Revolução Liberal de 1924, da Revolução de 1930 e da luta contra os revoltosos da Intentona Comunista de 1935. Em 1944, aceitou a missão de comandar o 1º Grupo de Artilharia Expedicionária, durante a II Guerra Mundial. Passou para a reserva em 1966 como Marechal. Em março de 1969 assumiu a presidência da Petrobrás, cargo que ocupou até outubro do mesmo ano.

Não duvidamos do mérito de nenhum dos cento e tantos marechais que tivemos, desde o Império até 1967, quando de sua extinção, o que nos espanta é o alto número de pessoas agraciadas.

A revista **Grandes Figuras** da Ebal, em seu primeiro número, homenageou o marechal Cândido Mariano da Silva Rondon e, em uma edição especial também da Ebal, foi biografado o marechal Henrique Teixeira Lott, candidato à Presidência da República em 1960.

O nosso Duque de Caxias, herói máximo do Exército Nacional, foi lembrado em diversas revistas em quadrinhos.

Os aficionados da nona arte, em sua maioria apreciadores de personagens heróicos, não são indiferentes aos mais altos postos militares e no caso dos marechais, alguns são lendários e têm o perfil dos super-heróis. Podemos citar, entre muitos, Emílio Mallet, o Barão de Itapevi, homem de grande porte físico, com 2,01 metros de altura e 120 quilos de peso, e que através de seus atos de bravura foi escolhido como patrono da Artilharia do Brasil.



O LIVRO DESAPARECIDO

E. Figueiredo

Diva era uma menina que morava na cidade de Galho Seco, um município de poucos habitantes, porém bem aplausível e sossegada. Ao atingir 12 anos tomou gosto pela leitura quando descobriu a biblioteca do colégio. Os primeiros livros foram de autores como Hans Christian Andersen, Irmãos Grimm e outros nessa categoria de livros infantis.

Depois de devorar quase todos livros de contos da carochinha, interessou-se pela obra de Monteiro Lobato. Leu todos que havia na estante. A coleção não estava completa, faltavam alguns volumes.

Um dia, seu tio Otávio, irmão de sua mãe, teria de fazer uma viagem a São Paulo e perguntou à pequena Diva se queria alguma coisa da capital. Ela dissera que sim, que gostaria que ele comprasse o livro **O Poço do Visconde**, que era um dos volumes das obras de Monteiro Lobato que faltava à coleção da biblioteca da escola.

Passados alguns dias, seu tio retornou da viagem e entregou a ela um pacotinho, embrulhado como presente, contendo o livro desejado com uma dedicatória do tio numa bela caligrafia.

*“A linda e inteligente Diva,
com votos de boa leitura.
Beijos do Tio Otávio.”*

Diva leu o livro num fôlego só e o guardava em lugar de destaque em seu armário.

Entre um e outros livros que lia, Diva relia **O Poço do Visconde**, para se deliciar com as aventuras do Visconde de Sabugosa.

Diva estava com 18 anos quando seu pai, que tinha comércio de secos e molhados, foi à falência e teve de vender a casa e a família mudou-se para São Paulo. Alguém havia arrumado para ele um emprego no mercado municipal da capital.

A mudança, feita por caminhão, chegou e descarregou os móveis e objetos. Diva sentiu falta de uma caixa onde fora embalado seus pertences de estudo e seus livros. A caixa nunca foi encontrada. Diva sentiu muito a perda do livro que ganhara do tio.

Diva concluiu seus estudos e formou-se psicóloga. Aos 25 anos casou-se com um médico pediatra e teve 2 filhos.

Ela nunca se esquecera do livro e chegou a comprar um outro exemplar para ter em sua estante, e, sempre que podia, relia a história.

Um dia, já com 50 anos, passeando com o marido, entraram num sebo para ver se encontravam algum livro de interesse. Ao passar pela estante de livros juvenis ela viu um exemplar de **O Poço do Visconde**.

– Arthur! – chamou pelo marido – Venha ver, o meu livro favorito da minha infância! Não sei quantas vezes li essa história!

O marido da Diva pegou o livro e abriu para examinar e ao levantar a capa ele falou:

– Tem uma dedicatória!

– Deixa-me ver!

Quando Diva fixou os olhos na dedicatória, ficou espantada e gritou:

– Meu Deus! Esse é o meu livro! O livro que ganhei do meu tio!

– Que coincidência! – disse o marido, espantado também...



HA' UMA LENDA TERRÍVEL DE MINHA ALDEIA DA MONTANHA LA' NA TRANSILVÂNIA (DO MESMO LUGAR QUE DRÁCULA), QUE SEMPRE ME ATERRORIZOU DESDE PEQUENA. E NÃO ME LEMBRO DIREITO COMO ERA, UMA COISA DA IDADE MÉDIA, QUE UMA VEZ A ALDEIA FICOU ISOLADA PELA NEVE MESES E MESES, E QUE PESSOAS MORRIAM DE FOME, E QUE TODOS OS HOMENS TINHAM IDO PARA A GUÉRRRA, UMA COISA ASSIM, E QUE AS FERAS DA FLORESTA CHEGAVAM FAMINTAS ATÉ AS CASAS, NÃO ME LEMBRO DIREITO, E O DIABO APARECEU E PEDIU PARA UMA MULHER SAIR SE QUERIAM QUE TROUXESSE COMIDA, E SAIU UMA MULHER, A MAIS VALENTE, E O DIABO TINHA AO LADO UMA PANTERA FAMINTA, ENFURECIDA...



A Lenda Da Pantera Negra

... E AQUELA MULHER FEZ UM PACTO COM O DIABO PARA NÃO MORRER, E NÃO SEI O QUE ACONTECEU E A MULHER TEVE UMA FILHA COM CARA DE GATA.



E QUANDO VOLTARAM OS CRUZADOS DA GUÉRRRA SANTA, O SOLDADO QUE ERA CASADO COM AQUELA MULHER ENTROU NA CASA E QUANDO FOI BEIJA-LA ELA O DESPEDAÇOU VIVO, COMO TERIA FEITO UMA PANTERA.



E DESDE ENTÃO, NAQUELA MONTANHA, CONTINUARAM NASCENDO MULHERES-PANTERAS. DE QUALQUER MODO AQUELE SOLDADO JÁ TINHA MORRIDO, MAS OUTRO CRUZADO PERCEBEU QUE ERA A MULHER QUEM O TINHA MATADO E COMEÇOU A SEGUI-LA PELA NEVE.



E ELA FUGIU E PRIMEIRO ERAM MARCAS DE MULHER AS PEGADAS QUE DEIXAVA E AO APROXIMAR-SE DA FLORESTA ERAM DE PANTERA...



E O CRUZADO A SEGUIU E SE METEU NA FLORESTA QUE ERA DE NOITE, ATÉ QUE AVISTOU NA ESCURIDÃO OS OLHOS VERDES BRILHANTES DE ALGUÉM QUE O ESPERAVA NA TOCAIA...

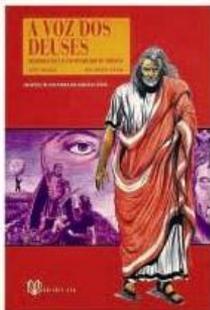


E ELE FEZ COM A ESPADA E O PUNHAL UMA CRUZ E A PANTERA FICOU QUIETA E VIROU DE NOVO MULHER, ALI DEITADA MEIO DORMINDO, COMO QUE HIPNOTIZADA...



O CRUZADO RECUOU POR QUE OUVIU OUTROS RUGIDOS QUE SE APROXIMAVAM E ERAM AS FERRAS QUE FAREJARAM A MULHER E A COMERAM.





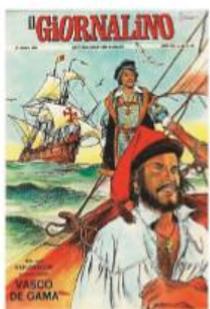
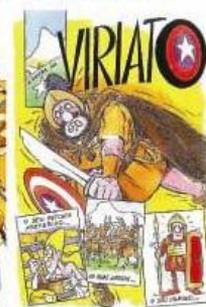
CONVITE

O CLUBE PORTUGUÊS DE BANDA DESENHADA convida-o para uma Exposição sobre a Figura de

VIRIATO na Banda Desenhada

na sua Sede, Avenida do Brasil 52A - Falagueira - 2700 -134 - Amadora
Esta Exposição foi gentilmente cedida temporariamente, pela Câmara Municipal de Moura e pelo GICAV de Viseu, a quem desde já agradecemos.

NO DIA 02 DE JUNHO (SÁBADO) PELAS 15H30



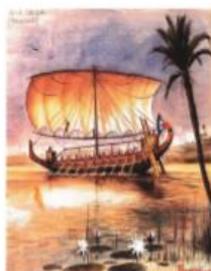
CONVITE

O CLUBE PORTUGUÊS DE BANDA DESENHADA convida-o para uma Exposição de Banda Desenhada numa retrospectiva da obra do desenhador italiano

FRANCO CAPRIOLI

na sua Sede, Avenida do Brasil 52A - Falagueira - 2700 -134 - Amadora
Esta Exposição foi gentilmente cedida temporariamente, pela Câmara Municipal de Moura e pelo GICAV de Viseu, a quem desde já agradecemos.

NO DIA 20 DE OUTUBRO (SÁBADO) PELAS 16H00



Convites enviados por Carlos Gonçalves, de exposições feitas pelo Clube Português de Banda Desenhada.

TRANSLEIXION

lendo um lançamento recente da editora inglesa Titan Books com uma antologia com os 10 primeiros anos de Hagar, topei com a tira abaixo. Nela se faz um jogo de palavras, ou melhor, expressões homófonas, o cabecinha de funil fala “under where” (debaixo de onde) e a moçoila entende “underwear” (roupa de baixo). Fiquei imaginando o coitado que recebe esse material nas redações de jornais e revistas de países não anglófilos e tem que fazer a tradução para publicação. O sujeito com aquela cultura de “to be or not to be – and look there” joga a toalha e inventa uma bobagem qualquer para os balões.

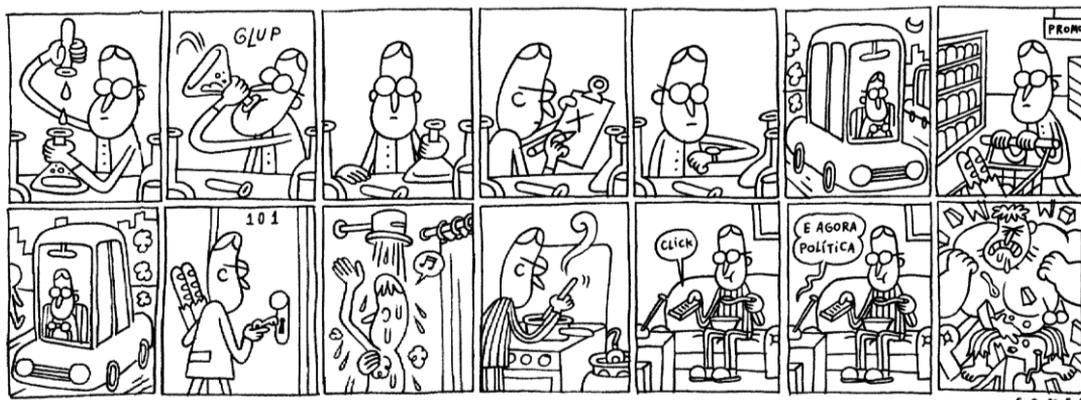
Comentei a tira com o Luiz Antônio Sampaio e ele acrescentou:

“Muita coisa não dá para ser traduzida, principalmente quando há esse jogo de palavras. Certa vez eu li uma daquelas páginas cômicas em alguma revista da Ebal. Aquelas historinhas de uma página só, algo muito comum nos comics americanos na década de 1950. Nela estavam dois cowboys conversando. Um deles falando sobre uma garota que conheceu e estava namorando. O outro pergunta então se ele havia beijado a boca dela. Um trocadilho até mesmo estranho para o puritanismo da Ebal. Com certeza foi algo inventado pelo tradutor da Ebal. No original tudo deveria ser totalmente diferente.”

“Eu já vi várias dessas tiras cômicas com traduções não tendo absolutamente nada a ver com o original. Não há como traduzir determinadas piadas ou jogos de palavras, então o jeito é inventar alguma coisa e pronto... tradução feita.”

“Veja o caso de Li'l Abner. Eu considero impossível a tradução desse material. É claro que a história em si pode ser traduzida, mas aquela linguagem caipira tão característica da obra é intraduzível. E é justamente nela que está um dos melhores aspectos de Li'l Abner.”

Eu já comentei há alguns anos sobre a aventura de Flash Gordon chamada originalmente “Power Men of Mongo”, onde o herói é ajudado pelos “Eletricistas de Mongó”, que conhecem os subterrâneos da capital onde reina Ming. Pela Ebal a tradução ganhou destaque como título na capa do álbum como “Os Poderosos de Mongó”. O “power” tapeou mais gente. No Brasil, se você diz que um lâmpada tem 40 watts, você está se referindo à “potência elétrica” da lâmpada. Uma vez li num livro de divulgação científica o texto falar no “poder elétrico” de um equipamento. A ignorância do tradutor passou incólume pelo revisor técnico que normalmente este tipo de publicação tem.



Tira de Gomez, publicada em jornal de Brasília, enviada por Cleber José Coimbra.

FÓRUM

LUIZ ANTÔNIO SAMPAIO
C.P. 3061 – Campinas – SP – 13033-970

Uma pena você interromper por um ano a publicação do “QI”. Eu sei que não é fácil manter viva publicação assim. Eu consigo manter vivas essas edições que faço porque a maior parte dos exemplares eu mando para o Tony Raiola. Se não fosse assim, com certeza já teria parado.

Você reparou que muitas dessas edições da Hermes e da IDW já estão esgotadas. Não sei qual é a tiragem média dessas publicações, mas certamente é uma tiragem que dá lucros. Como várias edições já estão esgotadas, acredito que esse material esteja conseguindo vendas boas ou razoáveis. E certamente lucro para as editoras. Vi no site da Amazon um dos volumes com as páginas dominicais de ‘Buck Rogers’ (já esgotado) sendo oferecido por mais de 3 mil dólares. Será que existe maluco que pague esse valor?

Recebi o volume de ‘Lance’ publicado pelo Charles Pelto. Está muito bom, mas é praticamente a mesma edição do Manuel Caldas, só que em inglês. O Pelto usou as mesmas provas restauradas do Caldas, só que em inglês. Eu comprei porque queria ler no original esse material de Tufts, mas se este não for o seu caso, não vejo motivo de você gastar 100 dólares com um material que você já tem e com grande qualidade.

Acho um mistério essas edições nostálgicas. Quem será que compra? Digo, em quantidade suficiente para justificar a impressão. E a pergunta é boa, qual será a tiragem?

Eu acredito que as vendas desses álbuns americanos estejam sendo alavancadas principalmente pelo site da Amazon, que tem um alcance em vários países. Não tenho ideia de qual seja a tiragem média dessas publicações, mas é certo que estão vendendo e dando lucro, pois do contrário já teriam parado. Algumas dessas coleções já estão bem adiantadas, como os casos de ‘Dick Tracy’, ‘Prince Valiant’, ‘The Phantom’. E há outras que me parecem prosseguir com passos mais lentos mas ainda fortes, como ‘Rip Kirby’, ‘Steve Canyon’, ‘Little Orphan Annie’, etc. Se não me engano, ‘Lance’ ou ‘Casey Ruggles’ (da Classic Comics Press) teve tiragem de 500 exemplares. Acho que li esse número em algum lugar, mas não tenho certeza.

Um detalhe bastante curioso sobre um episódio de ‘Casey Ruggles’. Trata-se de ‘Juan Soto’ (tiras diárias). O próprio Tufts diz no primeiro quadrinho da primeira tira que aquela era uma história verdadeira. E realmente era. Juan Soto foi um bandido que amedrontou muita gente na velha Califórnia. Os dias finais desse forda-lei foram em 1871. Tufts antecipou para 1851 (época das histórias de Ruggles) esses acontecimentos e narrou-os exatamente como a História havia registrado. O xerife Harry S. Morse, quem realmente matou Juan Soto, foi retirado da narrativa para dar lugar a Casey Ruggles. Tudo mais que aconteceu no episódio de Tufts é acontecimento histórico verdadeiro. Os assaltos de Soto e sua gang, a perseguição pelos homens da lei e o tiro final. Quando se lê sobre esse tiro entre Soto e o xerife Morse nos relatos históricos, mais parece o script do episódio desenhado por Tufts. No Google, entre em ‘Juan Soto Outlaw’, depois em “No tire in the casa Harry Morse versus Juan Soto”, onde está o relato do tiro entre Morse e Soto. É exatamente igual ao visualizado por Tufts no episódio de ‘Casey Ruggles’. Muito interessante. Vale a pena.

O “QI” 154 demorou mas chegou. Ótimo o encarte sobre Eduardo Teixeira Coelho, o excelente desenhista português que, mesmo não tendo muitos de seus trabalhos publicados no Brasil, sempre foi muito conhecido por aqui pela excelência de sua obra. Lembro-me de que quando Hal Foster deixou ‘Príncipe Valente’, muita gente disse que o seu substituto ideal teria sido Eduardo Teixeira Coelho.

Infelizmente, o trabalho de ETC não era conhecido nos Estados Unidos (e acredito que até mesmo agora não o seja). Eu mesmo pouco conhecia de Eduardo Teixeira Coelho nas publicações brasileiras. Só cheguei a ter um maior contato com seu trabalho através do “Jornal do Cuto”. Sou um admirador desse grande artista português.

Notei que o encarte do número anterior sobre ‘Bob Colt’ e outros “fake” cowboys agradou e chamou a atenção para as revistas de faroeste, publicadas aos montes na década de 1950, e praticamente mortas hoje. O western era o gênero que atraía jovens, adultos e velhos aos cinemas naquela época. Não importava a qualidade nem o baixo ou alto orçamento do filme. O western era bilheteria certa. O público feminino, sem importar a idade, já não gostava desses filmes. Achava-os muito violentos. Como mudam a mentalidade e os gostos! Hoje, o público de cinema, seja ele ou ela, aceita e adora essa violência absurda e sanguinária dos filmes atuais. Nos velhos tempos, dificilmente havia uma semana sem estreias de filmes de faroeste nas telas. Hoje, é difícil uma semana sem lançamentos de filmes violentos, jorrando sangue e monstros computadorizados e gosmentos.

Muito boa a condensação que o Worney fez sobre como as Histórias em Quadrinhos foram lançadas no Brasil. Em apenas duas páginas sintetizou muitos fatos históricos envolvendo os Quadrinhos.

Muita força para manter bem vivo o “QI” neste 2019.

Sobre o ETC e o ‘Príncipe Valente’, eu também acho que seria uma boa escolha, se pensarmos apenas no visual do desenho. Mas acho que somente os fãs portugueses é que cogitaram isso. Embora o ETC tivesse fama na França, com uma produção muito grande e de boa qualidade. Mas acho que, na melhor das hipóteses, iria esbarrar no próprio Foster. Eu tenho a cisma de que Foster escolheu Cullen Murphy porque não havia perigo desse lhe fazer sombra. Um dos que fizeram página de teste de ‘Príncipe Valente’ foi Wallace Wood, com um desenho muito mais limpo e clássico, esse seria o substituto americano ideal, na minha opinião.

Com certeza quem pensou em ETC para substituir Foster na saga do ‘Príncipe’ foram os fãs portugueses e alguns brasileiros. Como você disse, iria esbarrar em Hal Foster, que quis ele mesmo, e não o “syndicate”, escolher o seu substituto. Foster testou no mínimo três desenhistas: John Cullen Murphy, Wallace Wood e Gray Morrow. Este terceiro eu descartaria logo, pois não é muito confiável em manter sempre a mesma qualidade em seus trabalhos. Quanto a Murphy e Wood, qualquer um que fosse escolhido não conseguiria manter os mesmos traços de Foster. Murphy fez um bom trabalho com ‘Prince Valiant’, dentro de suas limitações, e Wood com certeza também o faria. O único caso de que me lembro no momento de um mestre ser substituído e tudo continuar da mesma forma é o de ‘Rip Kirby’. Sem dúvida, John Prentice manteve as tiras dentro do mesmo padrão visual de Raymond. Não me recordo de outro caso idêntico. Geralmente quando um desenhista cai fora de um trabalho, seu substituto entra com seu próprio estilo de desenho. Veja o caso de ‘Flash Gordon’. Austin Briggs saiu e entrou Mac Raboy com um estilo de desenhos totalmente diferente. O ‘Fantasma’ de Sy Barry ficou muito diferente do de McCoy. Até mesmo a ‘Modesty Blaise’ de Romero difere visualmente da de Holdaway. Tudo natural, pois cada artista quer desenvolver o seu próprio estilo, seus traços característicos. É muito desagradável, como no caso de ‘Flash Gordon’, ver um desenhista se descaracterizando para imitar Dan Barry.

ABELARDO SOUZA

R. Osvaldo Prado, 102 – Mesquita – RJ – 26580-370

Escrevo – após leitura do Editorial – ao amigo de que não desejo ficar sem o meu “QI”. Há 20 anos que trocamos correspondência envolvendo o “QI”. Desejo mais 20 anos. Estou com 83. Caramba!

Edgard, ainda não tive o prazer em desfolhar o “QI” 154. Caso enseje comentários sobre o mesmo, assim o farei. Abraços deste leitor de 154 “QI”s.

JOSÉ MENEZES

R. Ingelheim, 272 – Petrópolis – RJ – 25675-540

Recebi o “QI” 154, cuja capa revela sua inventiva em razão à vida, sobretudo do aposentado, sem muitas ilusões da vida, nem sempre bem aproveitada...

Muito apreciei a justa homenagem ao mestre Eduardo Teixeira Coelho! Para alguns, sempre ouvi, injustamente, que esse grande desenhista português era um imitador de Hal Foster. Na verdade, Coelho sempre ilustrou temas da fase histórica de sua terra, onde os fatos medievais, batalhas e outros aspectos de época se assemelhavam. Por terem passado em tempos medievais, atribuíram essa errônea e até maldosa observação. Teixeira Coelho foi um marco na ilustração, uma carreira brilhante, que o colocou como um dos grandes ícones dos Quadrinhos mundiais!

Muito oportuno o comentário de Francisco Dourado sobre Paulo Afonso que, depois de Loureiro, perpetuou por muito tempo “Chiquinho” no saudoso “O Tico-Tico”, além dos artigos de Luiz Antônio Sampaio, Magnago, José Ruy e tantos outros fanzineiros.

Quanto ao seu desejo de reduzir para alguns números de “QI”, é compreensível, já que a elaboração do mesmo é trabalhosa e cara em termos gráficos. De qualquer forma, compreensível.

CLEBER JOSÉ COIMBRA

SQN-315, Bl. “A”, ap. 305 – Asa Norte – Brasília – DF – 70774-010

Venho notando algo que o Sr. também deve estar vendo, se recebe algum jornal. O daqui era muito bom, cinco seções, uma maior de 10 a 16 folhas, depois quatro para esportes, cidade, turismo, carros, etc. Eram mais ou menos 20 a 30 folhas. Agora quando chega com dez, já é atrativo. Até esta área a internet está matando. Aliás, meu filho que mora no MS, a cada dia me envia pela rede dois jornais de Vitória (ES), meu estado, “A Gazeta” e “O Diário”, bons jornais locais, ainda de bom número de folhas e boas reportagens. Mas estes também estão virando de grande página para caderno. Tudo está mudando nessas áreas, de forma absoluta.

Também envio os informes da AFNB, que produzo a cada semana. Sempre tem alguma coisa diferente e interessante. Veja esta de hoje do centavo americano de 1943. Há anos um amigo de São Paulo achou um e vendeu alto para os gringos.

Venho agradecer, em nome da AFNB-DF, a cortesia de vosso envio (“QI” 154 e ‘Eduardo T. Coelho’) à nossa entidade. No próximo sábado, já farei a apresentação a todo corpo de associados do material enviado. Ele fará parte de nosso acervo cultural. Aliás, já temos um bom conjunto de material enviado por V. Sa. Devemos no futuro fazer encadernação de tudo que temos para uso de nossos associados.

LUIZ CLÁUDIO LOPES FARIA

Trav. Constantino Pinto, 21/12 - S. José dos Campos - SP - 12211-110

Quero parabenizar o amigo e todos os colaboradores desse fanzine que sempre me surpreende pelas qualidades e ótimas matérias. Do “QI” 154, destaco os textos ‘A Gazetinha e o Titânico Garra Cinzenta’, ainda não tive o prazer de ler esta história, um verdadeiro clássico das HQs. Gostei do texto ‘Os Suplementos de Quadrinhos’, também gostei muito do ‘As Mil e Uma Noites’ de Lio Guerra, acabei me lembrando de um grande escritor brasileiro, nosso amado Malba Tahan. ‘Fórum’ também, com as diversas contribuições de nossos amigos, amigos estes que agradeço pelos elogios dispensados às minhas tirinhas, que faço com o maior prazer, pois muito me honra ser colaborador do fanzine “QI”. Parabéns pelos 26 anos de “QI”!

E. FIGUEIREDO

R. Tamiko Fuzioka, 212 – S. Amaro – São Paulo – SP – 04728-190

Grato pela habitual remessa. Agradeço, também, a inserção da crônica ‘UAI!’. Muito interessante o artigo do confrade Lio Bocorny, sobre ‘Mil e Uma Noites’. Para sua apreciação, estou anexando uma crônica ficcional com o título ‘O Livro Desaparecido’.

LUIGI ROCCO

R. Gonçalves Moraes, 74 – São Paulo – SP – 03139-020

Recebi esta semana “O Doutor” e a bela surpresa “Tiras Paulistas”. Que maravilha, e que bom que conseguiu publicar com o Kendi, nesse formato grande com qualidade e até com a bênção do “titio” Maurício na última capa. Quem sabe agora que você é chegado no “homem”, você não consegue convencê-lo a publicar o “Astronauta” que saía no “Diário de S. Paulo”.

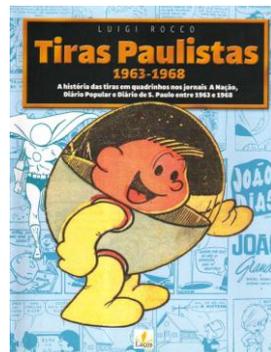
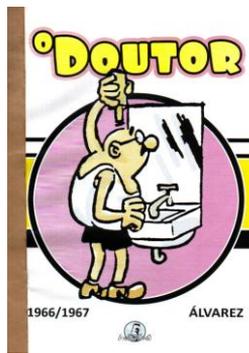
Que bom que gostou do “Tiras Paulistas”. No caso do ‘Astronauta’ no “Diário de S. Paulo”, pelo que eu pude perceber, acho que nem o Maurício possui a sequência completa. E os exemplares disponíveis são muito raros e não encontrei uma sequência que pudesse completar alguma das aventuras, pelo contrário, de cada dez edições, se encontrar uma é sorte!

Acabei de ler o livro (“Tiras Paulistas”), confirmando a impressão inicial, excelente. Parabéns pelo trabalho. Há um monte de coisas interessantes. Uma é ver a quantidade de gente trabalhando em tiras na época. Do mesmo jeito que tinha coisa ruim, tinha coisa muito boa. Outra é ver que heróis como Homem Lua e Pabeyma foram criados para tiras antes das revistas. Você teve a curiosidade de ver se a aventura do ‘Homem Lua’ para as tiras é a mesma do primeiro número da revista “Raio Negro”? Isso explicaria como o Gedeone teve material para fazer uma revista assim de pronto! Bastou adaptar o material das tiras. Só que o Jayme Cortez deu uma melada e ele teve que fazer 9 páginas novas do Raio Negro.

Aquelas tiras de ficção científica lá na página 25, tenho a impressão de que foram chupadas de histórias do Steve Ditko. O ‘Kold’ da página 35 parece o ‘Príncipe Viking’ do Joe Kubert. E assim vai. Mas no meio disso tudo, algumas pérolas que infelizmente não tiveram maior sorte.

É verdade, havia coisas ruins, mas muita coisa boa nas tiras desse período. No caso do ‘Homem Lua’, sim, a aventura publicada em 1965 é a mesma do primeiro número do “Raio Negro”, mas as páginas foram totalmente redesenhadas pelo Gedeone, ou seja, não é uma simples remontagem das tiras. Inclusive, aparentemente, nas páginas do Gedeone deu um acabamento a pincel, enquanto nas tiras foi dada a arte-final com pena.

No caso do Pabeyma, a diferença mais gritante é que o herói não usava aquele traje espalhafatoso de super-herói, com capa e capacete. As roupas eram mais práticas e normais, próximas das usadas no dia a dia. Com certeza foi uma jogada comercial para aproveitar a onda dos heróis Marvel que chegavam ao Brasil.



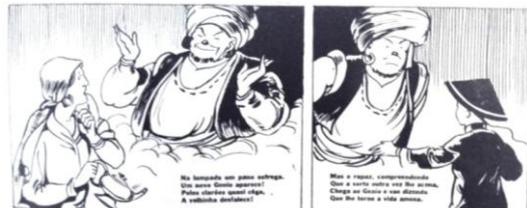
MARCELO DOLABELLA

R. Anapurus, 32; casa 1 – Belo Horizonte – MG – 31980-210

Como combinado, segue o zine que havia comentado. Foi produzido em uma das minhas turmas de Artes Visuais no Projeto/Escola que dou aula. Foi todo feito em carimbos, tradicionais ou não, e feito pelos alunos, somente a capa eu fiz. Digo para eles que é um “zine de artista” fazendo referência aos livros de artista e tendo a ideia do múltiplo, referência da gravura, como norteadora do trabalho.

Sobre 'A Garra Cinzenta', a trama pode ser considerada uma história de terror, mas também tem elementos de ficção científica e histórias policiais e de mistério. 'A Garra' é um supervilão típico dos pulps e, consequentemente, de histórias de super-heróis (ou superaventura como o Worney comentou). De fato, o gênero e o universo dos super-heróis englobam muitos gêneros literários: ficção científica, fantasia, terror, policial, faroeste, entre outros, e teve inspiração nas tiras de pulps. Entre os pesquisadores existem expressões para englobar ficção científica, fantasia, história alternativa, utopia, distopia, sobrenatural e terror: ficção especulativa (speculative fiction, gerando a sigla SF, a mesma de science fiction) ou literatura fantástica, esse muito usado aqui e em países hispânicos. Vale lembrar que "Frankenstein" de Mary Shelley está classificado como ficção científica e terror. Comparo 'A Garra' com 'Fu Manchú' de Sax Rohmer. Ambos são personagens principais, mas são os vilões e são perseguidos por uma dupla. Enquanto 'A Garra' é perseguido pelos inspetores Higgins e Miller, 'Fu Manchú' é perseguido por Denis Nayland Smith e o Doutor Petrie (que lembram Sherlock Holmes e o Doutor Watson). Para "A Gazetinha", o misterioso Francisco Armond ainda escreveu 'O Enigma do Espectro de James Hull' (1939-1940), ilustrada por Messias de Mello.

O Francisco Dourado citou personagens com o nome Tex. Tem o 'Tex Thorne', criado por Romer Zane Grey e Stephen Slesinger (ambos assinando como Zane Grey), que acredito que tenha saído em 1936 ou em 1937, já que em 1937 já tinha "Big Little Books" (tijolinhos) e reprints na revista "Ace Comics" da editora David McKay. Em 1939, passou para a "Popular Comics" da Dell.



O artigo sobre 'As Mil e Uma Noites' de Lio Guerra Bocorny me lembrou que tem uma adaptação de Aladim publicada em 1937 pelo Correio Universal, versos de Álvaro Armando (possivelmente Helena Ferraz de Abreu) e desenhos de Francisco Acquarone. Aladim também foi o nome de um suplemento infanto-juvenil do jornal. A adaptação foi um pouco mais fiel. Assim como a versão da La Selva, mostra um Aladim com roupas chinesas, é raro ver uma adaptação de Aladim como chinês. Embora tenham tido muçulmanos ao longo da história da China, a história era cheia de elementos árabes com títulos como sultão e vizir. A história não existia em versões anteriores do livro e teria sido adicionada no século XVIII pelo Antoine Galland.

Também existe uma versão curiosa, não é exatamente em quadrinhos, mas sim uma versão ilustrada escrita pelo Rubens Francisco Lucchetti, o papa do pulp brasileiro, e desenhada por Moyses Damasceno, publicada em formato na Escala na Coleção Mundo Encantado. Moyses se inspirou no estilo de Akira Toriyama, criador de 'Dragon Ball' (inspirado no romance chinês "Jornada ao Oeste" de Wu Chengen) e 'Dr. Slump'.

Excelente suplemento sobre Eduardo Teixeira Coelho, um dos maiores quadrinhistas de todos os tempos. As editoras Bentivegna e Pan Juvenil foram mencionadas. Há algum tempo, pesquisei um pouco sobre elas. De acordo com um site da editora (hoje disponível apenas no Internet Archive, o museu da internet), a gráfica surgiu em 1922 e começaram a atuar como editora em 1949. Segundo o Gonçalo Júnior, foi uma das gráficas que prestavam serviço para a La Selva nos anos 1950 e se tornaram editoras. Segundo o Minami Keizi, em entrevista ao Elydio dos Santos Neto, Salvador Bentivegna ficou na Edrel até conseguir pagar a dívida da Pan Juvenil. Salvador saiu e fundou outras editoras de quadrinhos como Roval e Kultus. A Bentivegna Editora atuou sazonalmente ao longo das décadas, com publicação até de quadrinhos, revistas de colorir e outras publicações infantis. Vi no site da Dinap o nome de Fábio Bentivegna como sócio proprietário da IGB. Pesquisando, descobri que significa Indústria Gráfica Bentivegna. Ao que parece, o Minami Keizi tinha uma boa relação com os Bentivegna depois da Edrel, já que publicaram livros esotéricos dele como Bentivegna Editora e IGB. Um outro fato que chamou a atenção é que a gráfica fica ou ficava no bairro da Liberdade que, na época, já era um reduto da colônia japonesa (hoje abriga também as colônias chinesa e coreana, diferente dos Estados Unidos que tem colônias separadas chamadas de Chinatown, Little Tokyo e Koreatown). Minami deu um depoimento por livro "Almanaque do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil" da editora Escala (2008), que, ao se mudar para São Paulo, morou na Liberdade. Em entrevista ao Gian Danton, no blog Baú da Grafipar, Cláudio Seto diz que enviou um material para a Indústria Gráfica Bentivegna e teve sua primeira publicação na revista "Garotas e Píadas" n° 6, em 1966. Segundo ele, antes de surgir a Edrel, ele assinou como Chu Sorocaba.

No artigo sobre os suplementos, o Worney fala do Aizen ter fundado a Ebal em 1945. Em 1942, Aizen vendeu a editora Grande Consórcio de Suplementos Nacionais para o jornal "A Noite", fundado pelo Irineu Marinho em 1911 e que tinha sido encampado pelo Governo Vargas em 1940. Aizen permaneceu como diretor de publicações infanto-juvenis até sair e fundar a Ebal. "O Lobinho" teve uma 2ª série em 1940 e que durou até depois da fundação da Ebal, encerrado em setembro de 1954. O próprio jornal durou até 1957.

Em anexo, uma arte curiosa, um projeto de tira do Bruce Lee por Milton Caniff e Noel Sickles, datada de 1977, ambos assinando como Paul Arthur (que veio do nome de Caniff, Milton Arthur Paul Caniff). A tira de Bruce Lee só saiu em 1982 com roteiros de Sharmar DiVono e desenhos de Fran Matera e Dick Kulpa.



ROSANGELA DE CARVALHO

C.P. 5366 – A/C Tag, Centro – Brasília – DF – 72010-971

Agradeço o envio – sem custo – do "QI" que sempre é tão bem editado. Estou a lhe enviar o teu envelope pois não foi carimbado – algum erro – então, que volte a ti. Pertence-lhe!

VALDIR RAMOS

C.P. 44 – Araraquara – SP – 14801-970

Recebi o “QI” 154 com a divulgação do nosso “Fatherzine”, carta, etc.! Como sempre, cheio de ideias, sugestões, etc. Quero continuar a receber as edições que forem lançadas. Outro dia vi uma matéria num canal de TV aberta, reportagem sobre essa exposição de Quadrinhos do MIS... tema do nosso envelope. O cartum que envio é do Sérgio Luiz Roda, o Léio, de São Carlos.

JULIE ALBUQUERQUE

R. Raimundo Soares Granjeiro, 136 – Ibiúna – SP – 18150-000

Acuso com grande satisfação o recebimento do “QI” 154 e portanto lhe escrevo para passar minhas considerações a respeito desta maravilhosa edição. A começar pela capa, confesso que a princípio, numa primeira olhada, não entendi e/ou compreendi ela. Mas quando cheguei na página 17 e vi a tabela de “código morse”, na hora eu saquei e compreendi a genialidade de sua magnífica arte gráfica da capa! Já faz um bom tempo que tu vem nos brindando com capas cada vez mais criativas e bem boladas, e esta edição não poderia ser uma exceção. De onde você tira tanta criatividade e originalidade, hein? Só sei que foi muito divertido traduzir a mensagem secreta/subliminar da capa. Aliás, eu fazia esse tipo de coisa em várias edições do meu “Camila Zine”, mas eram mais pra criptografia, anagramas e similares, nunca usei o código morse.

E aí como eu gosto, tenho orgulho e prazer de ver uma HQ de minha autoria (assim como as minhas ilustrações e da minha amiga Yasu) publicada nas páginas deste teu renomado fanzine que inclui leitores de todo o Brasil, assim como alguns célebres lusitanos da maravilhosa Portugal. Isso sem contar que o grande Mestre das HQs nacionais, o Júlio Shimamoto, também faz parte dos seus leitores! Isso pode parecer e soar bobo e nada demais, mas para mim tem uma grande e enorme relevância/importância, e portanto sempre me será uma honra e privilégio poder participar e colaborar no seu mais que conceituado “QI”.

As tirinhas hilárias de Luiz Cláudio Lopes Faria, a ilustração de Lancelott Martins, a ótima seção ‘Fórum’ com suas cartas-artigos, a seção ‘Edições Independentes’ (mais curta, porém presente), ‘Mantendo Contato’ (por WAZ), os textos de Lio Guerra Bocorny e E. Figueiredo (‘As Mil e uma Noites’ e ‘Uai!’, respectivamente), e os seus ‘Cartuns e Outros’, estão todos muito bons e de parabéns.

E que maravilha ficou o encarte-brinde ‘Mestres das Histórias em Quadrinhos’ n° 2 com ‘Eduardo Teixeira Coelho’. Uma justa homenagem ao legado desse desenhador português que coincidiu com o aniversário centenário do nascimento desse grande mestre das artes gráficas (4/jan/1919).

Agora quero comentar e compartilhar algumas curiosidades. Uma é que eu também recebi uma carta do meu amigo fanzineiro veterano, o Renato Doniseté (do fanzine punk “Aviso Final”), ao qual lançou uma edição especialmente dedicada aos 20 anos de lançamento da coletânea musical “Aviso Final”, que também coincidiu com os meus 20 anos de zinagem. O Renato Doniseté que me perdoe, mas eu achava e jurava que a capa da tal referida coletânea, nesse tempo todo, era e uma foto de uma ‘garotinha’, mas me enganei feio. Nunca que me passou pela cabeça que a tal foto era dele quando pequeno! Eu me acostumei a imagem do Renato adulto e careca, se não tivesse lido a informação neste seu último fanzine, jamais assimilaria que era ele criança e cabeludinho.

Outra curiosidade é que no dia seguinte ao qual peguei o “QI” na casa da minha amiga Yasu e de seu irmão Bruci, eu estava na casa de outros dois irmãos amigos meus, onde havia Netflix e pude maratona assistir a segunda temporada de “Stranger Things” – que nesta temporada teve muito a presença do recurso e uso do código morse, incluindo uma cena que mostra essa tabela mundial também presente no “QI” 154. Acho muito loko, surreal e fofaralho demais essas coincidências!!! Recordo-me que a primeira vez que fiquei conhecendo o código morse foi assistindo ao seriado jaspionês “Winspector” pela extinta TV Manchete nos saudosos anos 90...

RICARDO ALEXANDRE

R. Domingos, 1065 – B. Piscina – Andradina – SP – 16901-420

Coincidentemente, quando me preparava para escrever esta carta, recebo mais um n° do excelente “QI”, obrigado. Tenho gostado bastante das tirinhas do Luiz Faria, são muito engraçadas.

Nesse ano de 2019 venho me dedicando a novos projetos e dei um tempo pros quadrinhos, mas sempre que possível procuro me manter atualizado com o que acontece no mundo da HQs. E segue de cortesia uma edição encadernada de “Drácula – A Sombra da Noite” da editora Sampa. Estou me desfazendo de alguns gibis que não leio mais e talvez esse seja de seu interesse.

Enfim, desejo a ti um excelente 2019 e que tenhamos mais um ano de “QI”s.

JOSÉ RUY

Praceta de São Braz, n° 3, piso 5 – Amadora – 2700-799 – Portugal

Recebi o sempre desejado “QI” já com a longevidade de 154 números. Muito obrigado.

Começa com a capa num tamborilar cadenciado e com toques de precisão, de quem compõe uma sinfonia (tudo pode começar por aí) ou conta os anos passados e talvez os que virão. Para esses o “toctoc” é mais destacado. Mas toquem para diante.

Muito grato pelo destaque concedido ao centenário do grande desenhador português, meu querido Mestre e amigo, Eduardo Teixeira Coelho, ETC. Ele também se evidenciou no Brasil, e o meu amigo Fabio Moraes, que organiza o acervo de Jayme Cortez, está em parceria com o Festival Internacional de Beja, em Portugal, e organiza exposições de originais destes dois artistas portugueses que também tiveram êxito no Brasil.

O encarte ‘Mestres das Histórias em Quadrinhos’, que vai no número 2 é também dedicado ao grande ETC, pela escrita do nosso amigo Carlos Gonçalves, de parceria com o distinto Edgard Guimarães. É uma súplica da grandiosa obra deste gênio. Em Portugal, na Amadora, o Clube Português de Banda Desenhada está a expor na sua espaçosa sede a obra desse Mestre com temas tratados por ele, mensalmente, até dezembro de 2019. Na Bedeteca desta Cidade estará uma exposição sobre a sua obra, de março a setembro. Também na nossa Biblioteca Nacional, em Lisboa, está patente uma nobre e muito bem apresentada exposição, até 20 de abril deste ano.

São homenagens devidas e muito merecidas. Será sempre pouco o que se disser desse “poeta da linha” (como lhe chamou o colega espanhol Emilio Freixas) que criou escola em Portugal, Espanha, França e até no Brasil.

Entretanto estamos de luto carregado: dois nomes fundamentais das nossas Histórias em Quadrinhos, grandes amigos também, deixaram-nos de improviso: Jorge Magalhães e Gerales Lino. Duas referências a merecer destaque para que a memória do que fizeram por esta arte se perpetue.

A fechar este belo número de “QI” a contracapa com a habitual característica de humor surpreendente, ora em atitudes, aspectos ou... cheiros.



JÚLIO SHIMAMOTO

Estrada Mapuá, 358 – Taquara – Rio de Janeiro – RJ – 22713-321

A edição 154 chegou trazendo um suplemento mais que especial, falando do grande e saudoso mestre Eduardo Teixeira Coelho! Na minha adolescência, ele, Harold Foster e o argentino Salinas foram meus ícones mais relevantes. Eu tinha 18 anos quando o mestre Jayme Cortez mostrou-me vários originais de ilustrações e HQs desse seu grande contêrraneo. Fiquei todo chapado! Confessou-me Cortez que recebera grandes ensinamentos dele, mestre rigoroso, exigente. Comentei que admirava sobretudo os desenhos de cavalos dele e de Salinas, incomparáveis. Então soube o porquê. Cortez disse-me que o acompanhara algumas vezes até a cavalariça da polícia local para fazerem sketches dos animais. Parabéns para Carlos Gonçalves pela bela e relevante matéria!

CARLOS GONÇALVES

R. Tomás da Anunciação, 171, 3º Dto – Lisboa – 1350-326 – Portugal

O Clube Português de Banda Desenhada está de luto perante este infortúnio de vermos desaparecer tantas pessoas, que nos têm acompanhado nesta dura e contínua luta por uma Arte que poucos reconhecem. Geraldês Lino foi desde sempre a figura carismática que muitas vezes servia de modelo a alguns dos nossos desenhadores, quando estes publicavam um fanzine ou um álbum. Lino ficava orgulhoso ao ver-se como modelo e de ver o seu apêndice nasal (normalmente mais saliente quando retratado, não com o sentido depreciativo, mas sim com amizade). Desde quase dos inícios do CPBD sempre se prontificou a ajudar a desenvolver o Clube com artigos, entrevistas, na criação dos Prêmios O Mosquito e A Vinheta (as ideias foram suas), o próprio festival de BD de Lisboa e a Tertúlia, que ainda perdura, foram sedimentadas por criações suas. O que o movia era a BD e o perfeccionismo... amante de rever e corrigir erros gramaticais ou ortográficos. Deixa-nos um grande vazio e um eterno reconhecimento. À família enlutada deixamos expressos neste espaço os nossos mais sinceros pêsames.

Tomei conhecimento da pessoa e do trabalho de Geraldês Lino através de entrevista que concedeu a Wilde Portela publicada em “Historieta” n° 8, de novembro de 1984. Wilde teve sua HQ de faroeste ‘Grafter’ publicada em Portugal na revista “Mundo de Aventuras”. A seguir a introdução à entrevista de Geraldês Lino.

“Geraldês Lino é crítico de histórias em quadrinhos e um dos líderes do movimento quadrinista em Portugal. Gosta de HQ desde os sete anos de idade, quando conheceu a revista “O Mosquito”, e desde então nunca mais perdeu o contato com a Banda Desenhada (como chamam os quadrinhos em Portugal). Membro da direção do Clube Português de Banda Desenhada (CPBD), escreve sobre quadrinhos para o semanário “O País” e para o suplemento de quadrinhos da revista “Jornal da BD”. Já representou o CPBD nos festivais de Lucca, na Itália, Angoulême, na França, e Barcelona, na Espanha.”

“Em visita ao Brasil, mais particularmente a Pernambuco, dividido entre conversar sobre quadrinhos e conhecer os principais pontos turísticos do Estado juntamente com a esposa Maria Amélia e o filho Pedro, Geraldês Lino nos concedeu entrevista exclusiva à revista “Historieta”. Simpático, parecendo mais um intelectual que um quadrinista, nos falou sobre as dificuldades encontradas pelos que escrevem e desenhavam histórias em quadrinhos em Portugal.”

WAGNER AUGUSTO

C.P. 61105 – São Paulo – SP – 05001-970

Antes de mais nada, quero lhe agradecer pelo espaço que você vem dedicando na sua publicação “QI”. Muito obrigado.

Não lhe escrevi antes por estar atulhado com o lançamento do álbum de Ken Parker.

Você recebeu a revista do Dante (Colegio Dante Alighieri)? Recebi como encarte da revista “Dante Cultural”. Achei que ela seria mais útil no seu acervo de publicações de Quadrinhos Institucionais.

ANITA COSTA PRADO

C.P. 20020 – São Paulo – SP – 02720-970

As décadas passam e o jornal “Literarte” continua no firme propósito de divulgar arte e cultura. Nessa edição: Gatos, Katita e Dodô, poesias, etc. e tal. O “Literarte” recebe e divulga poetas e autores em geral.

Obrigada pela remessa do “QI” 154. Imagino a dificuldade em manter a periodicidade e entendo sua decisão em não fazer assinatura em 2019. Gostaria de sugerir que algum encarte do “QI” divulgue mulheres que fazem quadrinhos. O Brasil tem grandes nomes como Thais Gualberto, Rose Araújo, Gisele Henriques, Kellen Carvalho e outras artistas que criaram personagens interessantes divulgados em charges, cartuns, tiras e HQs.

Anita, muito boa sugestão a de um encarte sobre mulheres nos Quadrinhos. Como você tem visto, os últimos encartes que tenho feito não foram escritos por mim, fiz apenas a parte de layout e impressão. Se você ou algum conhecido quiser fazer a parte de pesquisa e recolha de material, fica mais fácil para mim.

ALAEERTE GOLZENLEUCHTER

R. Silva Jardim, 568/62C – Piracicaba – SP – 13419-140

Recebi o seu “QI” 154 referente ao ano passado. Antes tarde do que nunca! Li o editorial onde você explica que não fará mais assinaturas do zine, por questões pessoais talvez, e mesmo não sendo um colaborador (apenas leitor) gostaria de poder continuar usufruindo da leitura de seu fanzine. Se precisar, eu pago uma anuidade só pra manter os custos de produção e postagem.

MÁRIO LABATE

R. Mondaiá, 40 – Guaianases – São Paulo – SP – 08410-220

Sei das dificuldades em manter uma publicação independente, meu amigo... Tenho material que está na gaveta há anos, mas por motivo\$ óbvio\$ nunca consigo realizar o sonho de publicar minha revista... Manter o “QI” por 26 anos é uma vitória incontestável! Sua insistência e carinho pelos quadrinhos é algo mágico! Todos nós, leitores do “QI”, te admiramos muito! Se existissem mais pessoas como você, o quadrinho nacional teria mais valor. Por favor, não pare, meu velho!

LANCELOTT MARTINS

R. Dr. João Cândido, 1340 – N. Parnaíba – Parnaíba – PI – 64218-410

Uma centena e meia! M A R A V I L H A!!! Sei que fazer um trabalho desses há 26 anos, onde você é TUDO, é todo um staff editorial numa pessoa só – é cansativo. Mas isso tudo mostra quão está o nível de comprometimento do que faz para seus leitores, nos legando um dos melhores periódicos sobre o tema e neste formato, com esmero e amor. Velhão, parabéns! Nos sentimos orgulhosos pela sua contribuição com a pesquisa, com dados, com novidades, com velharias e com toda uma legião de caras que também se esforçam com o seu melhor, e mais, tem espaço para compartilhar democraticamente suas ideias, seus trabalhos e até mesmo ganhando destaque nos encartes que tão bem prima. Não vou falar das colunas, de todo o formato tão bem dividido com as matérias, chamadas, propagandas, etc., vou só dizer: PARABÊNS!!!

RODOLFO JULIATTO BERTOLI

R. Narciso Bonon, 106 – Valinhos – SP – 13270-291

Comentando sobre seu plano de não assumir compromissos pra este ano, acredito que deve receber o valor da assinatura e farei o depósito de modo que tenho interesse em continuar recebendo este ano. Acho justa a cobrança ainda que seja um valor simbólico.

Sobre a entrevista com o Nando Moura, achei excelente já que ele dificilmente concede entrevistas e suas opiniões são divergentes da massa, infelizmente pessoas com a coragem dele são poucas.

QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou, além do nº 16 da revista “Pure Fruit”, três catálogos de editoras de Quadrinhos. O primeiro, “Gringo Mag”, enfoca principalmente a editora Gringo Comics. Traz amostras de várias séries, produções mais recentes, desconhecidas por mim, muitas na linha humorística. O segundo, “Bildschriften Verlag” dá destaque para a coleção alemã de “Classic Illustrated”, com reproduções fiéis da revista original americana. Também destaca o que parecem ser edições fac-símiles das clássicas publicações da editora Fiction House e Fox, “Planet Comics”, “Phantom Lady” e “Sheena”. Anuncia várias outras séries clássicas de várias procedências, inclusive a versão de ‘Hernan, el Corsario’ de José Luis Salinas. O terceiro, “All Verlag”, anuncia uma grande quantidade de coleções, dando destaque a séries sobre a Segunda Guerra e clássicos franco-belgas como ‘Bruno Brazil’ e ‘Luc Orient’.



Cartão enviado por **Gerd Bonau**.

QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Paulo Joubert Alves enviou o livro paradidático ilustrado “Alimentos em Pratos Limpos” da editora Atual; a revista “Aliança de Misericórdia” nº 171, com página de HQ; conta da Cemig com tira de ‘Chic & Choc’; e folheto ilustrado “Sem Deus Um Grande Engano!” da Igreja Internacional da Graça de Deus. **Wagner Augusto** enviou a revista em quadrinhos “Otto, Seus Amigos e o Projeto Plantar” nº 1, produzida pelo Colégio Dante Alighieri.

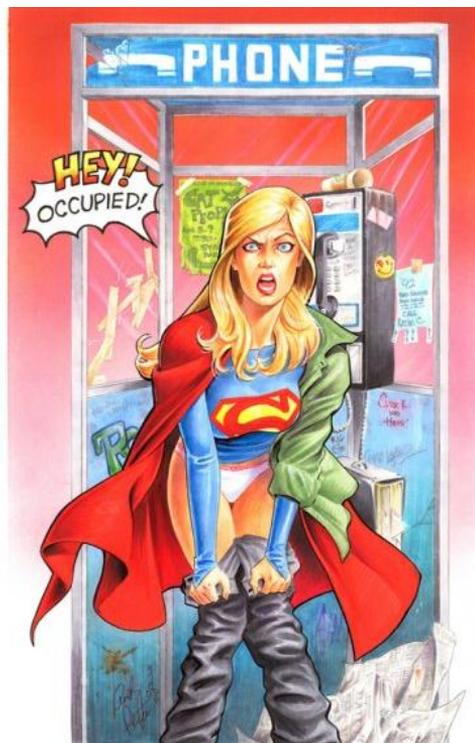


Imagem enviada por **Roberto Simoni**.

EDIÇÕES INDEPENDENTES

QUADRINHOS

ARENA DE CULTURA * zine de artista, ilustrações feitas com carimbo pelos alunos de Artes Visuais de Marcelo Dolabella * 2018 * 92 pág. * A5 * Marcelo Dolabella – R. Anapurus, 32; casa 1 – São Gabriel – Belo Horizonte – MG – 31980-210.

CARTUM * n° 127 * dez/2018 * 24 pág. * A5 * color. * R\$ 130,00 (assinatura anual) * Aldo Maes dos Anjos – R. Antônio Bernardi, 2181 – Bairro Bateas – Gaspar – SC – 89113-200 – revistascartum@gmail.com.

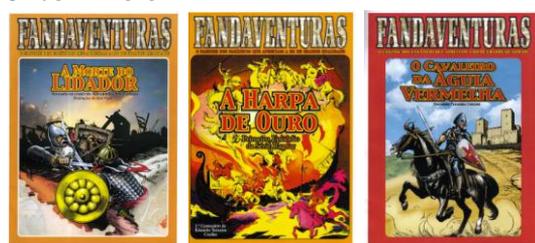
FANDAVENTURAS – A Morte do Lidorador * desenhos de Eduardo Teixeira Coelho * 2019 * 20 pág. * A4 * color. * 15 euros + porte internacional * José Pires – gussy.pires@sapo.pt.



FANDAVENTURAS – A Morte do Lidorador * desenhos de José Pires * 2018 * 16 pág. * A4 * color. * 15 euros + porte internacional * José Pires – gussy.pires@sapo.pt.

FANDAVENTURAS – A Harpa de Ouro * primeiro episódio da série Ragnar, desenhos de Eduardo Teixeira Coelho * 2019 * 40 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * José Pires – gussy.pires@sapo.pt.

FANDAVENTURAS – O Cavaleiro da Águia Vermelha * desenhos de Eduardo Teixeira Coelho * 2018 * 50 pág. * A4 * capa color. * 15 euros + porte internacional * José Pires – gussy.pires@sapo.pt.



FANDCLASSICS * Terry e os Piratas * n° 24 * 2018 * 122 pág. * A4 * capa color. * 15 euros + porte internacional * José Pires – gussy.pires@sapo.pt.

FANDCLASSICS * Terry e os Piratas * n° 25 * 2018 * 126 pág. * A4 * capa color. * 15 euros + porte internacional * José Pires – gussy.pires@sapo.pt.

MACABRO * ilustrações e biografias dos principais monstros do Cinema mexicano * n° 2 * jan/2019 * 24 pág. * A6 * Marcos Fabiano Lopes – Av. Suarão, 2181 – Nova Itanhaém – Itanhaém – SP – 11740-000 – marcosfabianolopes@hotmail.com.



MATT MARRIOTT * os três primeiros episódios, de 1955 e 1956, em espanhol * dez/2018 * 108 pág. * 290x230mm * capa color. * 18.50 euros + porte internacional * Manuel Caldas – mcaldas59@sapo.pt.

MÚLTIPLO * entrevista com Sílvio Ribeiro * n° 20 * jun/2018 * 80 pág. * A5 * color. * R\$ 38,00 * André Carim de Oliveira – andreacarim@outlook.com.

PRÍNCIPE VALIENTE * páginas de 1967/68 de Hal Foster, em espanhol * vol. XVI * 2018 * 116 pág. * 270x350mm * capa 2 cores * 25.00 euros + porte internacional * Manuel Caldas – mcaldas59@sapo.pt.



PURE FRUIT * n° 16 * ago/2018 * 68 pág. * A5 * color. * a/c Gerd Bonau – Berliner Strabe 9 – Rendsburg – 24768 – Alemanha.

TARZAN * tiras diárias de Russ Manning, em espanhol * n° 4 * dez/2018 * 84 pág. * 315x230mm * capa color. * 18.50 euros + porte internacional * Manuel Caldas – mcaldas59@sapo.pt.

TARZAN * páginas dominicais de Russ Manning, em espanhol * n° 4 * fev/2018 * 68 pág. * 315x230mm * color. * 18.50 euros + porte internacional * Manuel Caldas – mcaldas59@sapo.pt.



FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

JUVENATRIX * nº 199 * fev/2019 * 14 pág. * arquivo pdf
via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.



OUTROS ASSUNTOS

FILMES ANTIGOS * nº 14 * jan/2019 * 36 pág. *
180x260mm * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

JORNAL DO SÁBIO * nºs 1121, 1215, 1217 e 1219 *
2018 * 1 pág. * A4 * **Antônio Fernando de Andrade** – R. D. João
Moura, 305 – Engenho do Meio – Recife – PE – 50730-030.

LITERATURA, POESIA E MÚSICA

O BERRO * nº 31 * **Winter Bastos** – C. P. 100050 – Niterói – RJ
– 24020-971.

BOLETIM C.S.C. ESPECIAL * nº 22 * **Clube da Sinceridade
Campograndense** – C.P. 10004 – Ag. Campo Grande – Rio de
Janeiro – RJ – 23050-970.

BOLETIM DA AFNB * nºs 1, 5 e 6/2019 – C.P. 6261 – Ag. W3 –
508 Asa Norte – Brasília – DF – 70740-971.

CONTATO DIRETO * nº 269 * **Armindo F. Gonçalves** – R.
Duarte da Costa, 9 1/2 – Ferraz de Vasconcelos – SP – 08525-410.

COTIPORÁ CULTURAL * nº 79 * **Adão Wons** – R. Marcílio
Dias, 253 – Térreo – Cotiporã – RS – 95335-000.

O GARIMPO * nº 163 * **Cosme Custódio da Silva** – R. dos
Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

LITERARTE * nºs 407 * **Arlindo Nóbrega** – R. Rego Barros,
316 – São Paulo – SP – 03460-000.

A VOZ * nº 162 * Av. Dr. José Rufino, 3625 - Tejupió - Recife -
PE - 50930-000.

Divulgação do “QI” 154 feita por CESAR SILVA em seu blog:

<http://mensagensdohiperespaço.blogspot.com>

Está circulando o nº 154 do fanzine “Quadrinhos Independentes – QI” editado por Edgard Guimarães, dedicado ao estudo dos Quadrinhos, destacando a produção independente e os fanzines brasileiros. A edição tem 32 páginas e traz um bate papo com o youtuber Nando Moura, artigos de Lio Guerra Bocorny e E. Figueiredo, quadrinhos de Julie Albuquerque, Luiz Cláudio Lopes Faria e do editor, que também fez a ilustração da capa. Completam a edição as colunas ‘Fórum’ com as cartas dos leitores, ‘Mantendo Contato’ de Worney Almeida de Souza, e ‘Edições Independentes’ divulgando os lançamentos de fanzines do bimestre.

Junto desta edição, os assinantes recebem ‘Mestres das Histórias em Quadrinhos 2: Eduardo Teixeira Coelho’, fascículo de 20 páginas com uma pesquisa de Carlos Gonçalves e Guimarães sobre esse importante quadrinhista e ilustrador português.

Com esse número, o editor encerra o ciclo de assinaturas de 2018 e anuncia, no editorial, mudanças na dinâmica de circulação do fanzine impresso. Para maiores informações sobre essas mudanças, entre em contato com o editor. Mas ao que tudo indica, suas versões digitais continuam a ser disponibilizadas pelo site da editora Marca de Fantasia. Edições anteriores também podem ser encontradas.



Imagem enviada por **Roberto Simoni**.

MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

A GAZETINHA E O TITÂNICO GARRA CINZENTA

(2ª PARTE) – adaptado da apresentação do livro *Garra Cinzenta* (Conrad/2011)

A GAZETINHA, O SUPLEMENTO PAULISTA

Na época de ouro dos suplementos de Quadrinhos, o único editado na cidade de São Paulo era o do jornal **A Gazeta**, de propriedade do jornalista e empresário Casper Libero. Com trajetória dividida em três fases distintas, **A Gazetinha** foi publicada entre 1929 e 1950. Foi o primeiro suplemento a publicar no Brasil as HQs *Superman*, *Barney Baxter*, *Brick Bradford* e *The Phantom*, além de ser a casa de três figuras excepcionais dos Quadrinhos nacionais: o escritor e roteirista Jerônimo Monteiro, o quadrinhista e ilustrador Messias de Mello e o quadrinhista Renato Silva.

Lançado em 5 de setembro de 1929 como **A Gazeta Infantil**, o primeiro número trazia histórias de James Swinnerton, F. Opper e Grace Drayton, além do conto *A Cigarra e a Formiga*. Em cores, na página central, uma aventura do *Felix the Cat* (Pat Sullivan), com o nome *Gato Estopim*. Já na quinta edição, o suplemento ganhou um título nacional de destaque: *As Aventuras do Palhaço Piolim*, com traços de Gomes Dias e depois Nino Borges. O caricaturista e ilustrador Belmonte também frequentou as páginas de **A Gazeta Infantil** com os personagens *Paulino e Balbina*, e o trio *Chiquinho, Chicote e Chicória*, quadrinização de personagens criados por Nhô Totico, conhecido humorista radiofônico.

O suplemento paulista se destacava pela ótima qualidade gráfica, com suas páginas internas ilustradas com quatro cores. Inicialmente semanal, logo passou a ser vendido nas bancas todas as quartas e sábados, ao preço de 200 réis em São Paulo e no Rio de Janeiro e 300 réis no resto do país – o dobro e até o triplo, portanto, do preço do **Suplemento Juvenil**.

A primeira fase da publicação terminou em outubro de 1930, numa edição que incluía o clássico *Little Nemo in Slumberland*, com o nome *O Sonho de Carlinhos*. Nessa primeira fase, o suplemento paulista seguia o padrão de publicações ao estilo europeu, como a revista **O Tico-Tico**, criada em 1905. Já as fases seguintes seriam caracterizadas pelo padrão norte-americano de suplementos de Quadrinhos, implantado no Brasil por Adolfo Aizen.

Quase três anos depois, em setembro de 1933, com o nome **A Gazetinha**, o suplemento do jornal de Casper Libero voltava às bancas às quartas e sábados. Nessa fase, travou uma intensa batalha de popularidade com os concorrentes cariocas. Foi nessa época que os Quadrinhos distribuídos pelos *syndicates* passaram a ocupar a maior parte do espaço editorial. Com suas dezenas de personagens diferentes, de aventureiros a super-heróis, os Quadrinhos logo se firmariam como um dos braços mais poderosos da indústria de entretenimento norte-americana no Brasil. E **A Gazetinha** deu sua contribuição para isso ao publicar pela primeira vez no país as histórias de duas figuras icônicas: o *Fantasma* e o *Super-Homem*.

O primeiro capítulo de *The Phantom*, criação de Lee Falk com desenhos de Ray Moore, foi publicado no nº 169 de **A Gazetinha**, em 2 de dezembro de 1936, com o curioso nome *Uma Alma de Outro Mundo*. A noiva do *Fantasma*, *Diana Palmer*, recebia o nome de *Lita Palmer*, e seu inseparável cão *Capeto* era chamado de *Demônio*.

No entanto, o King Features Syndicate vendia os direitos de publicação do personagem tanto para o suplemento paulista como para o carioca **O Globo Juvenil**. Assim, no mesmo período, os dois jornais publicavam as aventuras do *Fantasma*. Enquanto **A Gazetinha** publicava a primeira aventura do herói, *Os Piratas de Sing*, **O Globo Juvenil** lançava a segunda, *Os Piratas do Céu*. Quando as duas aventuras terminaram, os dois suplementos passaram a publicar simultaneamente a terceira aventura do mascarado, *Guerra na Floresta*. Numa segunda-feira, **O Globo Juvenil** publicou o primeiro capítulo da saga. Na terça **A Gazetinha** imprimiu o primeiro e o segundo. Na quarta, **O Globo Juvenil** lançou o segundo e o terceiro e assim foi até que a aventura terminou. *Barney Baxter* também era publicado simultaneamente em mais de uma publicação, assim como *Brick Bradford*, que no **Suplemento Juvenil** se chamava *Dick James*.

Mas foi **A Gazetinha** quem lançou o maior de todos os super-heróis: o *Super-Homem* de Jerry Siegel e Joe Shuster. Era ele o personagem principal das edições especiais denominadas **Edições Majestosas**, lançadas em 1939, com 64 páginas cada. Além do extraterrestre justiceiro da capa vermelha, frequentavam as páginas do suplemento de **A Gazeta** personagens como *Zatara* (Fred Guardineer), *Betty Boop* (Max Fleischer), o já citado *Gato Felix*, *Jim Hardy* (Dick Moore), *Pep Morgan* (Gene Baxter) e *Ella Cinders* (Charles Plumb). Isso sem contar as histórias de quadrinhistas como F. O. Alexander e Will Eisner e adaptações de sucessos cinematográficos como *O Gordo e o Magro* e *Rin Tin Tin*.

Devido ao grande sucesso, a partir de agosto de 1937 **A Gazetinha** passou a ser publicada três vezes por semana: às terças, às quintas e aos sábados. Foi nessa fase áurea do suplemento que entrou em cena Messias de Melo. Além do personagem humorístico *Pão Duro*, Melo criou grandes aventuras como *Audaz* o *Demolidor*, *O Raio da Morte*, *Prisioneira do Subterrâneo*, *O Homem Elétrico* e *Bascomb*. Com uma qualidade impressionante e uma rapidez admirável (além das três edições semanais de **A Gazetinha**, ele produzia ilustrações e charges diárias para os jornais **A Gazeta** e **A Gazeta Esportiva**), Messias ainda adaptou uma série de romances famosos, como **O Conde de Monte Cristo**, **Capitão Blood** e **Os Três Mosqueteiros**.

As histórias de Messias de Melo eram tão populares que uma delas originou um concurso. Uma adaptação de Armando Brussolo das aventuras de *Sherlock Holmes*, *A Prisioneira do Subterrâneo*, tinha um vilão conhecido como *Encapuçado*. O suplemento propôs um concurso, com um prêmio de 200 mil réis, para o leitor que descobrisse a verdadeira identidade do criminoso. Foi nesse período de grande agitação e sucesso que surgiu *A Garra Cinzenta*, do não menos brilhante Renato Silva, que teve seu primeiro capítulo publicado em julho de 1937.

Assim como seus concorrentes cariocas, **A Gazetinha** entrou em declínio com o advento das revistas em Quadrinhos e as dificuldades decorrentes da Segunda Guerra Mundial. A última edição de sua fase áurea foi publicada em março de 1940.

Oito anos depois, porém, em março de 1948, o suplemento renascia, sob a direção de Jerônimo Monteiro e rebatizado como **Gazeta Juvenil**. Tinha 32 páginas e saía todas as quintas-feiras. Apesar da importante colaboração de autores nacionais, a maioria das HQs era de procedência italiana.

A essa altura, no entanto, os tempos já eram outros, e a maioria do público leitor já havia migrado para o formato *comic book* e suas histórias longas de periodicidade mensal. A consequência foram vendas muito baixas, que ocasionaram uma nova mudança editorial. A partir de agosto de 1949, a **Gazeta Juvenil** passou a circular quinzenalmente – com 40 páginas de reportagens, contos, palavras cruzadas, músicas, lições de história de Cláudio de Souza e HQs nacionais desenhadas por Messias de Melo, Jayme Cortez, Sammarco e Zaé Júnior – até seu cancelamento definitivo em julho de 1950.

A SAGA DE A GARRA CINZENTA

Citada apenas de passagem em livros de autores como Álvaro de Moya, Diamantino Silva e Ionaldo Cavalcanti, a HQ *A Garra Cinzenta* sempre teve status de objeto de desejo entre pesquisadores, colecionadores e fãs de Quadrinhos em geral. Afinal, a primeira narrativa policial *noir* dos Quadrinhos brasileiros, publicada originalmente em 100 capítulos de uma página cada em **A Gazetinha** entre 1937 e 1939, permaneceu na obscuridade por décadas.

Na época de seu lançamento, porém, visibilidade não faltou. Além da publicação no suplemento do jornal **A Gazeta**, a HQ foi publicada posteriormente em dois álbuns – o primeiro em dezembro de 1939, com os 51 primeiros capítulos, e o segundo em janeiro do ano seguinte, com os 49 episódios restantes mais três ilustrações dos vilões *Garra Cinzenta*, *Flag* e *Dama de Negro*.

O sucesso no Brasil despertou o interesse de editoras de outros países, e a HQ começou a ser publicada no México, pela editora Sayrol, e na Bélgica e na França no **Le Journal de Spirou**, dos editores Charles e Jean Dupuis, ainda em 1939. No entanto, nos dois casos a publicação precisou ser interrompida em virtude de problemas no pagamento de direitos autorais, segundo o desenhista Renato Silva relatou ao quadrinhista Reinaldo de Oliveira.

Depois disso, *A Garra Cinzenta* só veria novamente a luz do dia quase quarenta anos depois, em 1975, com a reprodução dos 51 primeiros capítulos da obra no **Almanaque Gibi Nostalgia**, da Rio Gráfica Editora (atual Editora Globo). Com o cancelamento da revista **Gibi Semanal**, entretanto, a publicação dos almanaques foi suspensa, deixando a saga incompleta.

A história completa de *A Garra Cinzenta* só seria publicada integralmente em um único volume, em 1998, no fanzine **Seleções do Quadrix**, por iniciativa do autor deste texto. Para reunir todos os 100 capítulos, foi preciso a gentileza do colecionador Eufrásio Magalhães, que tinha em sua coleção o segundo álbum editado pela **A Gazetinha** e, o melhor, provas tiradas diretamente da chapa de impressão de 70% das páginas. Esse material pertencia ao carioca Waldo Vieira, o maior colecionador de Quadrinhos do Brasil, que o vendeu para os paulistas Ademário Mattos e Geraldo Cachola, que posteriormente o repassaram a Eufrásio. As imagens foram então reduzidas para um formato menor, sem perda de qualidade gráfica, e impressas em uma tiragem de 500 exemplares, que se esgotou rapidamente. É nesse trabalho que se baseia o livro publicado pela editora Conrad.

Durante vários números, **A Gazetinha** publicou anúncio do lançamento do primeiro álbum de *A Garra Cinzenta*. Este anúncio ao lado saiu no nº 587, de 23/11/1939.

Finalmente, depois de amanhã, sábado, logo às primeiras horas, **A GARRA CINZENTA**

o álbum que é esperado por todos! 64 paginas por \$500 apenas! Reserve o seu exemplar

PROFETA PARA O ANO NOVO!

Sentada no sofá a esposa obesa, fala para o marido!!

Em 2019 vou fazer uma super dieta e para não desanimar e desistir, você vai fazer regime junto comigo!!!

Como diz mesmo aquele provérbio??

O sofrimento adora companhia!!

LUIZ FÁRIA

PARA QUE TANTO!!

Um idoso numa consulta, pergunta ao médico!

Doutor, quero viver igual ao meu avô!! Ele morreu com mais de 100 anos!!

O senhor fuma ou bebe?

NUNCA fumei e NUNCA bebi!!

O senhor joga, frequenta boates, sai com mulheres, dirige carros em alta velocidade???

NÃO! NUNCA FIZ NADA disso!!

MAS ENTÃO, POR QUE O SENHOR QUER VIVER ATÉ OS 100 ANOS???

LUIZ FÁRIA

PAI COM PACIÊNCIA??

No ponto de ônibus, uma senhora observa pai e filho!!

CALMA Diego! Tenha paciência Diego! Tudo vai dar certo Diego! Respire fundo Diego!

BÚAAAAA!! BÚAAAAA!!

O senhor é um pai muito paciente com o Diego! PARABÉNS!

Eu sou o Diego, esse choro, boca aberta é o Gustavo!!!

BÚAAAAA!!! BÚAAAAA!!!

LUIZ FÁRIA

COWBOYS

Sérgio Luiz Franque volta a produzir novos números de duas de suas coleções. São os nºs 12 de Cowboy Valente e Cowboy do Cinema. A seguir os textos de apresentação das duas edições.

Cowboy Valente

Matt Slade é um “cowboy valente” do jeito que os fãs de gibis gostam muito. Com o seu cavalo de nome *Águia*, cavalgando sempre cheio de preocupações, pois está sempre fugindo das cidades, pois é procurado pela justiça. Com a cabeça a prêmio, perseguido sempre pelos xerifes, com quem se encontra frente a frente de vez em quando. Ele foge desesperadamente para não ir parar atrás das grades de uma cadeia qualquer. Ele é acusado injustamente por um crime que não cometeu. Além disso, tem que enfrentar sempre caçadores de recompensa que estão sempre querendo receber a vultosa recompensa que a justiça vai desembolsar pela sua captura ou morte, pois ele é procurado vivo ou morto. Além, é claro, é sempre desafiado por um jovem qualquer que quer ficar famoso por ter sido o matador de *Matt Slade*.

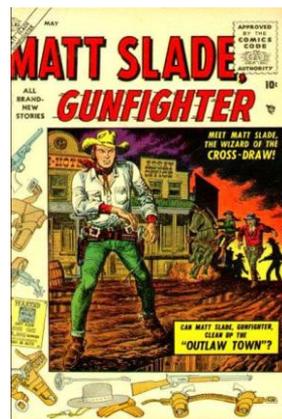
Assim o cowboy *Matt Slade* vai levando a sua vida fugindo de um estado para outro, sempre perseguido por homens que querem vê-lo morto. Por onde passa, vai conquistando a simpatia e amizades verdadeiras. Portanto, mesmo injustiçado, vai levando a justiça por onde passa, onde ela é mais que necessária para a tranquilidade de pessoas honestas, que estão sempre sendo assaltadas e perseguidas pelos bandidos.

Os desenhos de *Matt Slade* são com um estilo bem ao gosto dos amantes dos comics americanos, tão em moda nos anos 1950, tanto nos Estados Unidos quanto aqui no Brasil. O mesmo desenhista ilustrou outros clássicos do faroeste dos gibis. Ele fez também *Apache Kid* e seu cavalo *Vento da Noite*. *Matt Slade* foi publicado pela Marvel Comics, criado pelo competente John Severin e Stan Lee.

Aqui no Brasil, *Matt Slade* aparecia muitas vezes nos gibis da Editora La Selva, como **Hopalong Cassidy**, **Gatilho**, **Bill Kid** e outras da mesma editora.

E lá vai novamente *Matt Slade*, o atirador, galopando em seu cavalo, para novas aventuras, cada uma melhor do que a outra. Basta a gente conferir lendo de cabo a rabo mais este número de **Cowboy Valente**.

N.E.: A revista **Matt Slade Gunfighter** foi lançada em maio de 1956 pela Marvel, durando 4 números. Também foram desenhistas da revista Joe Maneely e Werner Roth.



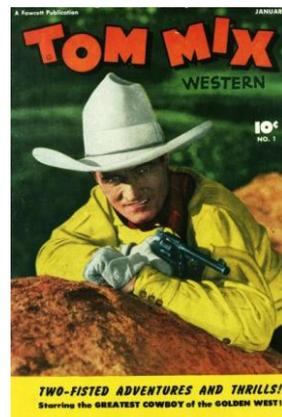
Cowboy do Cinema

Este número traz nas suas páginas internas nada mais que *Tom Mix*. Quem não se lembra dele? Na verdade seu nome era Thomas Hezikiah Mix. Nasceu na Pensilvânia em 6/1/1880. Foi um ator norte-americano, um dos grandes ídolos do cinema. Foi um ator de grande sucesso na era do cinema mudo, atuando preferencialmente no gênero western. *Tom Mix* levou para a vida real o cowboy que interpretava nas telas. Com o seu cavalo de nome *Tony*, introduzia nos seus filmes cenas arriscadas. Fez o seriado **O Cavaleiro Alado** em 1935 com estrondoso sucesso. Apareceu em mais de 300 filmes (contando os curtos) no período de 1909 a 1935. Foi uma das inspirações para o cowboy *Tex Willer*, e conquistou muitos admiradores pelo mundo todo. *Tom Mix* foi o segundo cowboy lançado pela Fawcett. A Dell e a Fawcett foram as duas editoras especializadas a trazer os cowboys para o mundo dos comics americanos. A mitologia do Oeste era riquíssima para uma exploração ampla nos quadrinhos, ela fornecia personagens reais como *Bufalo Bill*, *Daniel Boone*, *Wyatt Earp* e outros, além, é claro, daqueles criados para os comics, ou mesmo o cinema, como foi o caso de *Tom Mix*.

No Brasil, *Tom Mix* aparecia muito em **O Guri** da editora Cruzeiro nos anos 1940 e 1950, em aventuras sempre cheias de lutas e duelos. O desenhista de *Tom Mix* o desenhava com o mesmo rosto do ator, com muito talento.

Tom Mix morreu em 12 de outubro de 1940. Estava dirigindo seu carro quando aconteceu o acidente fatal, em Florence, Arizona.

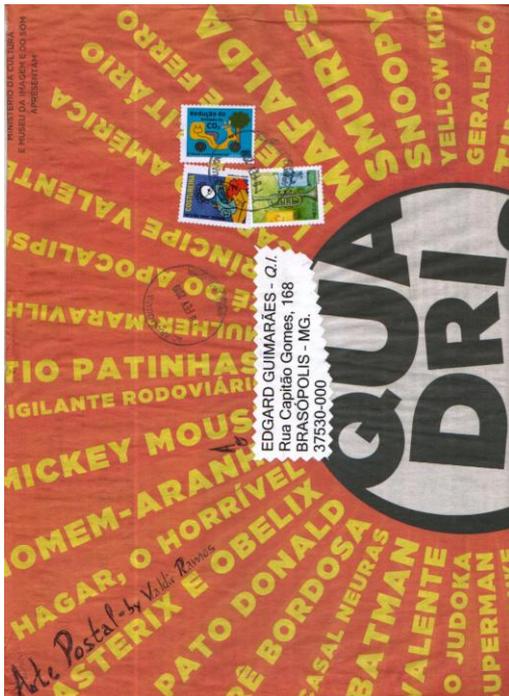
N.E.: A editora Ralston Purina lançou uma revista de *Tom Mix* em 1940 durando 9 números, com desenhos de Fred Meagher. A editora Fawcett lançou nova revista em 1948, durando 61 números, com desenhos de Carl Pfeuffer e vários outros anônimos.



Contato: **Sérgio Luiz Franque** – R. Cezar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.



Golden Guitar e Pabeyma – Colaboração de Lancelott Martins.



Ilustrações de Yasmin Fernandes e Julie Albuquerque – Envelope Arte Postal de Valdir Ramos – Ilustração de Iéio, enviada a Valdir Ramos.



CONVITE

EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DOS 100 ANOS DO NASCIMENTO

DE
EDUARDO TEIXEIRA COELHO

O CLUBE PORTUGUÊS DE BANDA DESENHADA

Inaugura a 3ª exposição de trabalhos deste grande desenhador

"ETCOELHO e a FIGURA HUMANA"

na sua Sede, Avenida do Brasil 52A - 2700 -134 - Amadora

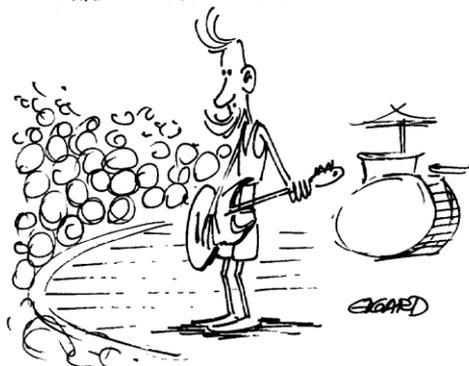
NO DIA 2 DE MARÇO (SÁBADO) PELAS 16H00



Convite e fotos de exposição de Eduardo Teixeira Coelho, organizadas pelo Clube Português de Banda Desenhada.

CARTUNS E OUTROS

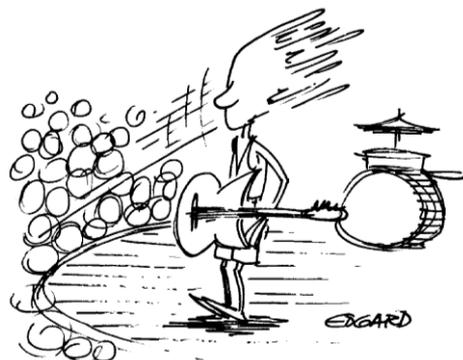
E AGORA, QUÊ QUE EU FAÇO?
NÃO ME AVISARAM QUE O SHOW
NÃO IA SER NUMA GARAGEM...



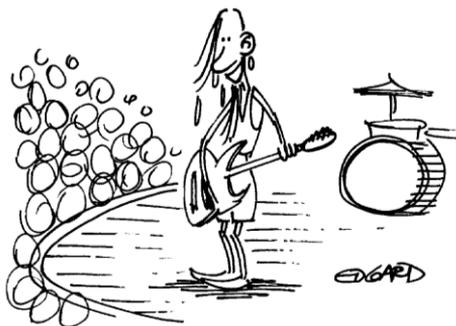
ACHO QUE NÃO VAI DAR! SEM
O CHEIRO DE FUMAÇA DE ESCAPAMENTO
EU NÃO ENTRO NO CLIMA.



MOÇADA, EU SINTO MUITO, MAS
NÃO VAI SER POSS...



EI, MAS ISSO É ÓLEO DE MOTOR...
JÁ TÔ ENGREHANDO...



PUXA O AROGADOR... SOLTA O FREIO
DE MÃO... PISA NO ACELERADOR...
E AÍ VAI UMA MÚSICA ENVENENADA...



MANDEI MEU CADILLAC PRO MECÂNICO
OUTRO DIA... POIS HÁ MUITO TEMPO
UM CONCERTO ELE PEDIA... MEU
CADILLAC, BIP, BIP, QUERO
CONsertar MEU CADILLAC

